

A Concordância de Número nos Predicativos/Particípios Passivos na Fala do Sul do Brasil – motivações extralingüísticas

Juçá Fialho Vazzata-Dias*

ABSTRACT: *This paper aims to show some results on the social motivations in the variable linguistic phenomenon of number agreement in the predicative and passive participle, in spoken Portuguese of the South of Brazil. We analyse the speech of 72 inhabitants of three cities, 24 from Florianópolis, 24 from Chapecó and 24 from Irati (VARISUL Project data), and we control four extra-linguistic factors: school education; age; sex; and ethnic group. We follow the theoretical guidelines of Labovian Sociolinguistic and, for the quantitative analyses, we use VARBRUL computer system.*

RESUMO: *Neste trabalho, mostramos alguns resultados acerca das motivações sociais que podemos observar quando se analisa fenômenos lingüísticos variáveis como o da concordância de número no predicativo/particípio passivo. Analisamos a fala de informantes nascidos (e residentes) em três cidades do sul do Brasil (Florianópolis, Chapecó e Irati, sendo 24 de cada uma delas, num total de 72 informantes – dados do Projeto VARISUL), e levamos em conta fatores sociais como escolaridade, idade, sexo, e etnia. A abordagem teórica utilizada é a da Sociolingüística laboviana e, para as rodadas estatísticas dos dados, valemo-nos do Programa computacional VARBRUL.*

KEY WORDS: *Linguistic variation, Agreement; Predicative/passive participle; Social factors*

* Universidade Federal de Santa Catarina

Introdução

A sociolingüística variacionista, como ramo específico da ciência lingüística, consolida-se de uma concepção de linguagem essencialmente social, que trata a língua como correlacionada de forma sistemática com a história social dos falantes. A partir dessa concepção, a heterogeneidade (diversidade) lingüística se constitui em propriedade inerente ao próprio sistema lingüístico, entende-o como aquele manifesto no uso real de falantes reais em processo de comunicação.

Partindo dos empregos concretos da língua falada e focalizando como estudo a *variação* lingüística, concebendo-a como um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada, a teoria sociolingüística presuppõe que toda variação é motivada, ou seja, controlada tanto por fatores internos ao sistema lingüístico quanto por fatores externos ao mesmo.

No universo de estudos sobre o português do Brasil, cuja base teórico-metodológica é esta da teoria da variação lingüística (Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1975 ab; Labov, 1994), um número expressivo de análises está voltado para o fenômeno da concordância: Scherre (1978, 1988, 1991); Scherre e Naro (1991, 1998); Naro (1981); Braga (1977); Ponte (1979); Carvalho Nina (1980); Saraiva & Bittencourt (1987); Fernandes (1996); Loregian (1996), para citar alguns.

É de conhecimento que a concordância de número no predicativo/particípio passivo no português falado no Brasil é sistematicamente variável. No entendimento desta variação, estão em jogo variáveis lingüísticas de diversas naturezas, tais como: paralelismo no plano discursivo; características formais do sujeito e do verbo da construção; estrutura do predicativo; saliência fônica e tonicidade do predicativo/particípio passivo; ordem dos elementos na sentença; material interveniente entre o verbo e o predicativo; tipo de estrutura (ativa *versus* passiva) (cf. Scherre, 1991 e Vazzata-Dias, 1996).

Exemplos manifestos desta variação podem ser vistos em:

- (1) Eles são REBELDE mesmo (...) ficam REVOLTADO. (IRT FGA);¹
- (2) Meus pais são DESCENDENTES de italiano. (CHP MGA);
- (3) Os vizinho da gente é MELHOR que os parente. (CHP FGA);
- (4) Meus pais eram PESSOAS HONESTAS. (IRT FGB);
- (5) Meus pais era bem RELIGIOSO. (FLP MGA);
- (6) É muito MAROTO aqueles ensaio. (CHP MCA);
- (7) As passagem tão muito CARA. (FLP FPA);
- (8) Os preso foram MANDADO pra Ponta Grossa. (IRT FGA).

(cf. Vazzata-Dias, 1996)

Neste artigo, apresentamos, especificamente, os resultados referentes aos fatores sociais que controlamos em nosso trabalho, *escolaridade, idade, sexo e etnia*, com o objetivo de traçar um quadro descritivo do conjunto de variáveis extralingüísticas que regem a variação da concordância de número no predicativo/particípio passivo.²

Os dados do português falado foram extraídos do Banco de Dados do Núcleo Interinstitucional de Pesquisa Variação Lingüística Urbana na Região Sul do País (VARSUL), sendo que três cidades, de formações étnicas distintas entre si, foram escolhidas: Florianópolis, de colonização açoriana; Chapecó, de etnia italiana; e Irati, colonizada por eslavos-ucranianos. Dessa forma, a amostra fica assim constituída: 72 informantes (72 horas de fala, gravadas com falantes nascidos e moradores das três cidades citadas acima, todos descendentes dos respectivos grupos étnicos), sendo 24 de cada etnia, distribuídos igualmente em função de sexo, faixa etária (25-49 e mais de 50 anos) e escolarização (primária, ginásial e de segundo grau).

¹ Coloco entre parênteses a identificação do informante: IRT= Irati; CHP= Chapecó; FLP= Florianópolis; F= feminino; M= masculino; P= primário; G= ginásial; C= colegial; A= 25-49 anos; B= +50 anos.

² A análise de variáveis sociais tem trazido grandes contribuições na questão da mudança lingüística em progresso, com base em dados sincrônicos. Neste texto, entretanto, não nos detemos nesse ponto. Sobre a questão da mudança envolvendo esse tipo de concordância, cf. Vazzata-Dias e Fernandes (1998).

Para o tratamento quantitativo dos dados, usamos o sistema Computacional VARBRUL (Sankoff, 1988; Rousseau & Sankoff, 1978; Pintzuk, 1988), que fornece, como produto final, pesos relativos associados às diversas variáveis independentes (ou grupos de fatores) lingüísticas e sociais, bem como a seleção destes grupos em função de sua relevância estatística. Tomamos por base a aplicação da regra, ou seja, a presença de marca formal do plural; portanto, os resultados estatísticos que apresentamos devem ser lidos nesse sentido.

Antes de passarmos à análise dos resultados, é oportuno apresentar algumas breves considerações acerca dos grupos de fatores sociais trabalhados.

1. Condicionamentos sociais³

É amplamente discutida na literatura sociolingüística a influência de variáveis sociais em fenômenos lingüísticos variáveis, principalmente nos casos em que uma das variantes é socialmente estigmatizada. Na teoria variacionista, conceitos como variação lingüística estável e mudança lingüística em progresso têm sido intimamente relacionados com os fatores extralingüísticos.

1.1. Escolaridade

Em situações de variação que não envolve mudança (variação estável), em geral observamos uma relação direta entre escolarização e uso de formas de prestígio. Segundo Votre (1992), haveria uma disparidade no que se refere ao grau de atenção dada pelas gramáticas e manuais de ensino da língua portuguesa aos fenômenos variáveis de uso. Por exemplo, formas mais estigmatizadas como *problema*, *dá pra mim sair* são alvos de maior atenção por parte da escola do que formas (menos estigmatizadas) como *há anos atrás*, que costuma aparecer em narrativas sem que se dê conta da redundância, e *pode come-*

car (mais ou menos cristalizada, em processo de regularização), que é utilizada quando o falante solicita a atenção de um grupo de pessoas para que ele possa iniciar sua atividade e, ao invés de usar a forma verbal em primeira pessoa, a usa em terceira.

Conforme o autor, o fenômeno da concordância no sintagma nominal está sujeito a graus distintos de estigmatização e "é exercitado em todos os níveis de ensino, com graus crescentes de exigência à medida que os alunos avançam na escolaridade. É natural, portanto, que o efeito da escolarização se revele pronunciado, regular e constante (...)". (p.77)

1.2. Sexo

Com relação ao fator social *sexo*, é tradicionalmente aceito que nos casos de variação estável os falantes do sexo feminino tendem a se aproximar mais da norma padrão do que os falantes do sexo masculino (mesmo se se trata de crianças) (cf. Chambers & Tudgill, apud Scherre, 1988).⁴

O primeiro estudo de que se tem conhecimento sobre a influência desse fator sobre uma variável lingüística é o de Fischer (1958). O que o autor verifica é que, na análise do fenômeno variável sobre as terminações verbais *-ing* e *-in* do inglês, a variante *-ing* (forma socialmente prestigiada) é muito mais frequente entre mulheres do que entre homens. Mais tarde, Wolfran (1969) chega à mesma constatação de Fischer, agora com relação ao fenômeno de supressão da consoante /d/ em final de sílaba no inglês. Exatamente como a variável analisada por Fischer, Wolfran observa que a manutenção da consoante /d/, considerada a variante de prestígio, se dá mais entre as mulheres do que entre os homens.

Também em estudos que extrapolam o campo da fonologia, é possível se obter as mesmas constatações. Em trabalhos analisando fenômenos de concordância, por exemplo, tem-se chegado aos mesmos resultados com relação ao fator sexo (cf.,

³ As considerações feitas aqui se referem somente aos fatores escolaridade, sexo e idade, tradicionalmente controlados nos estudos variacionistas.

⁴ Segundo Labov (1972) e Oliveira (19982) (cf. Scherre, 1988:427), essa diferença observada entre o comportamento lingüístico dos dois sexos ocorre mais em situações formais de fala do que na fala espontânea.

por exemplo, Scherre (1988⁵, 1991); Fernandes, (1996)), ou seja, as mulheres tendem a manter mais a marca de plural (forma prestigiada) do que os homens.

Já quando se trata de um fenômeno lingüístico que sofre uma variação não estigmatizada, como a que ocorre entre os pretéritos mais-que-perfeito e o perfeito, então o quadro de resultados pode ser outro. Coan (1997), ao cruzar os fatores sexo e idade (o fator sexo isolado não foi selecionado pelo VARBRUL), obtém o seguinte resultado com relação ao uso do mais-que-perfeito: faixa etária de 15-24 anos (0,26 para os homens e 0,24 para as mulheres); de 25-49 anos (0,76 para os homens e 0,70 para as mulheres); e de mais de 50 anos (0,60 para os homens e 0,54 para as mulheres) (cf. tabela 14, p. 161). Segundo a autora, os resultados acima "demonstram um comportamento semelhante entre homens e mulheres nas três faixas etárias. Isso, em princípio, significa que as mulheres (...) não são mais sensíveis à norma, possivelmente por não ser este um fenômeno estigmatizado" (p. 162).

Os estudos variacionistas têm explicado a forma como o fator *sexo* se correlaciona com fenômenos variáveis através da referência às diferenças em como homens e mulheres vivem em sociedade. Labov (1975), dentro daquilo que o autor denomina de *prestígio encoberto* das formas lingüísticas⁶, procura explicar a correlação da variável *sexo* na variação lingüística dizendo que homens, ao contrário de mulheres, estão mais sujeitos à influência do prestígio encoberto das formas lingüísticas (por possuírem uma vida social mais intensa e viverem mais em grupo). Outra explicação dada ao fato de que mulheres são mais sensíveis às formas lingüísticas padrões, se refere ao maior formalismo associado aos papéis femininos, por exemplo, a sua responsabilidade na educação dos filhos.

⁵ Segundo a autora, "há uma tendência geral de as mulheres se aproximarem do padrão e de os homens se distanciarem dele, independente de o fenômeno lingüístico envolver variação estável ou mudança lingüística". (p.431)

⁶ Quando "as formas lingüísticas socialmente desvalorizadas podem possuir uma função de garantir a identidade do indivíduo com um determinado grupo social. Isto é, são formas partilhadas no interior de um grupo e assinaladoras da sua individualidade". (Paiva, 1992:72)

Certamente que uma série de outros fatores atuam para uma maior ou menor sensibilidade das mulheres às formas lingüísticas socialmente prestigiadas. O que expomos no parágrafo anterior deve ser muito mais evidente em comunidades fechadas aos avanços presentes nos grandes centros e hábitos sociais que deles decorrem, e, também, em comunidades culturalmente mais tradicionais com relação aos papéis masculinos e femininos. A interação entre sexo e idade, por exemplo, também evidencia que a forte tendência feminina à obediência às normas é mais saliente entre os falantes idosos. Entre os mais jovens, a ruptura das barreiras sociais é maior, o que explica uma aproximação entre a linguagem de homens e mulheres. E, ainda, há indicações de que a escolarização pode interagir com o fator sexo. Aparentemente, a mulher é mais receptiva à atuação normativa da escola; assim, é possível que o fator escolaridade atue muito mais sobre o comportamento lingüístico das mulheres do que sobre o dos homens (cf., por exemplo, Scherre, 1988: 494).

Haeri (1995), discutindo duas variáveis sociolingüísticas presentes no Cairo (grau de 'pharyngealization' e palatização apical), argumenta a favor da existência de interação entre sexo e classe social. Segundo o autor, há estudos fonéticos que evidenciam que certas variáveis sociolingüísticas parecem mostrar uma iconicidade⁷ com relação ao sexo, como, por exemplo, as variáveis envolvidas em processos fonológicos de posteriorização, que teriam valor icônico 'masculino', e anteriorização, com valor icônico 'feminino' (c.f. quadro 1, p.103), como resultado das diferenças existentes no trato vocal feminino e masculino. Contudo, para ele, tal variação não se deve somente a diferenças anatômicas, mas também a diferenças sociais, que estariam operando simultaneamente àquelas.

Vejam os alguns resultados que podem sustentar a argumentação de Haeri. Royal (1985, apud Haeri, 1995:106-8), ao investigar a variável "extensão de 'pharyngealization'" na rea-

⁷ Eckert (1989, apud Haeri, 1995) propõe que algumas variáveis podem apresentar valores icônicos. Haeri toma a expressão 'valores icônicos' aplicada à fala para "significar" valores que não são puramente simbólicos.

lização de fonemas 'pharyngealized' ou 'enfáticos' (/ T, D, S, Z) na fala do Cairo, verifica que há uma relação entre sexo (escala de pronúncia masculina - feminina, ou seja, uma questão de trato vocal) e a realização de uma outra variante. Royal observa que os homens realizam um som mais 'pharyngealized' do que as mulheres, isto é, eles posteriorizam mais os fonemas em questão, enquanto as mulheres o realizam de forma mais anteriorizada. Contudo, a autora verifica que essa variação não só marca a distinção entre a fala de mulheres e homens do Cairo, como também é um traço que distingue classes sociais: a variante menos 'pharyngealized' (mais anterior), além de ser um traço da fala feminina, também faz parte da fala da classe alta e média-alta⁸.

A exemplo de Royal, Haeri (1995) mostra esse mesmo resultado quando analisa a variabilidade que existe na palatalização (processo de anterioridade) dos fonemas /t,d/; /T,D/; e /tt, dd/ quando seguidos de um glide palatal ou de uma vogal frontal alta (c.f. Haeri, 1991 - apud op.cit). Como o processo de 'pharyngealization', o de palatalização também é uma variável gradual, assim, a palatalização fraca é uma inovação das mulheres da classe média-alta (Haeri, 1994 - apud op.cit.:108). Haeri observa, entretanto, que homens da classe média-média e da classe média-alta não ficam muito para trás, em relação às mulheres de classe média-alta, no que se refere ao uso da palatalização fraca (mais anteriorizada) (c.f. figura 2 em Haeri 1995:109). Isso vem demonstrar que esse fenômeno variável não só está relacionado ao valor icônico de palatalização (posteriorização tem valor icônico 'masculino' e anteriorização tem valor icônico 'feminino') mas também está associado ao fator classe social.

1.3. Idade

O fator *idade* tem sido abordado pela sociolinguística como um dos fatores que caracterizam o fenômeno linguístico

⁸ "(...) Royal finds that weaker pharyngealization (or no pharyngealization at all) is not only a feature of women's speech, but also a feature of upper and upper-middle class speech in general" (op. cit. - p. 107)

variável como envolvendo ou não processo de mudança linguística.

Nas situações de variação estável, o comportamento da variável idade é o de "distribuição plana sem gradação etária ou uma distribuição curvilínea, indicando gradação etária, com o ápice das formas de prestígio sendo encontrado nas faixas etárias intermediárias devido a pressões do mercado de trabalho, por exemplo" (Scherre, 1988:427-8). Já se o fenômeno linguístico estiver passando por um estágio de mudança, então os resultados com relação à idade mostram uma distribuição inclinada, agora com as formas inovadoras predominando entre os mais jovens e as formas conservadoras predominando na fala dos mais velhos⁹, enquanto os indivíduos da faixa etária intermediária demonstram um comportamento mais neutro.

A hipótese de que os mais jovens tendem a fazer uso das formas mais novas e os informantes mais velhos usam as formas mais conservadoras tem sido atestada por estudos sociolinguísticos clássicos. O primeiro de que se tem notícia é o trabalho realizado por Gauchat (c.f. Labov, 1994), que analisou a influência do fator idade sobre a utilização da lateral palatal ([λ]) na fala dos moradores de uma aldeia na Suíça. Segundo o que o autor observou (em tempo aparente), os mais velhos tendiam ao uso da lateral palatal, enquanto os mais jovens optavam por [ɣ] e os de meia idade usavam ambos os sons. Esse comportamento levou o pesquisador a prever que, em algum tempo, a lateral palatal desapareceria, vindo a ser substituída por [ɣ]. Um quarto de século mais tarde, a mesma aldeia voltou a ser visitada por outro estudioso, que confirmou a previsão feita por Gauchat.

Anos mais tarde, o estudo realizado por Labov (1975b) na ilha de Marthas's Vineyard (na costa de Massachusetts), também atestou a importância da variável social idade sobre um fenômeno linguístico variável (a centralização do núcleo do ditongo /aw/). A análise de Labov revelou que os informantes

⁹ Reparem que, para essa análise, temos dados de apenas duas faixas etárias (25-49 anos e mais de 50 anos). Por essa razão, não nos deteremos com questões acerca da mudança linguística (cf. nota 2)

mais velhos usavam a variante mais conservadora (não centralizada), ao passo que os mais jovens optavam cada vez mais pela centralização (forma inovadora).

Em estudo recente sobre o uso de *aí*, *daí*, *então* e *e* na fala de Florianópolis¹⁰, Tavares (1999) verifica que a utilização das formas inovadoras se dá mais entre os jovens, com a opção das formas conservadoras sendo feita pelos mais velhos. A autora conclui que a "faixa etária mais jovem tende a optar por *daí* e *aí*, a faixa intermediária inclina-se em direção a *aí* e *então*, e a faixa mais velha tende à utilização do *então* e do *e*," sendo possível considerar tais resultados como "pistas da ocorrência de um processo de mudança lingüística em andamento, pelo qual formas mais recentes no desempenho da função retroativo-propulsora estariam gradualmente predominando sobre as formas mais antigas". (op.cit., p.120).

As considerações que acabamos de expor acerca das variáveis extralingüísticas *escolaridade*, *sexo* e *idade* servem de subsídio para o levantamento de nossas hipóteses e para a análise dos nossos resultados, que seguem.

2. Hipóteses

Em nosso estudo, todas as variáveis sociais foram selecionadas como estatisticamente relevantes, na seguinte ordem: grau de escolarização, idade, sexo e etnia, sendo a escolaridade a primeira variável escolhida pelo VARBRUL dentro do quadro geral de variáveis consideradas nesse estudo – lingüísticas e sociais. As hipóteses com relação a esses grupos de fatores extralingüísticos, com base nos que expomos anteriormente, são as seguintes.

No que se refere à influência do fator escolaridade sobre a variação presença *versus* ausência de marca de plural nos predicativos/participios passivos, esperamos que as formas sem a marca explícita de concordância (forma de menos prestígio) sejam mais recorrentes na fala de pessoas de nível de escolari-

dade primário, sendo o uso da forma de prestígio, ou seja, presença explícita da marca de concordância, maior nos indivíduos com mais anos de escolarização. Como vimos, o fenômeno de concordância pode ser passível de algum tipo de estigmatização e sofre, por parte da escola, graus crescentes de exigência durante os anos de permanência dos alunos na mesma.

Na busca da influência do fator idade dos falantes sobre a realização ou não da marca de plural e considerando, conforme já vimos, que as formas lingüísticas estigmatizadas parecem ser, em geral, mais recorrentes na fala de pessoas mais jovens, partimos da hipótese de que os informantes da faixa etária de 25-49 anos deixarão de marcar o plural em proporção maior que os informantes mais velhos.

Com relação ao fator social sexo, prevemos uma maior marcação de plural por parte das mulheres se levarmos em conta, por exemplo, o que tradicionalmente se constata sobre o fato de as formas de maior prestígio social serem mais frequentes na fala das mulheres do que na dos homens.

Pelo caráter inovador que tem a inclusão do fator social etnia, não tínhamos, em princípio, uma hipótese formada quanto ao comportamento dessa variável com relação ao fenômeno em questão.

3. Resultados e discussão

3.1. Escolaridade

Como já foi dito, em ordem de relevância, o nível de escolaridade foi o primeiro grupo de fatores sociais a ser selecionado pelo sistema computacional. Vejamos os resultados dessa variável.

¹⁰ Atualmente, o banco de dados VARSUL conta com três faixas etárias para essa cidade.

Tabela 1:

Influência da variável escolaridade na escolha da variante presença de marca de plural nos pred./part. Passivos

FATOR	Apl/Total	%	P.R.
Escolaridade			
Primário	45/217	21	0,27
Ginásio	90/253	36	0,43
Colegial	192/298	64	0,72

Conforme a tabela acima, percebemos uma relação direta entre o aumento dos anos de escolarização e o favorecimento ao emprego da marca formal de plural nos pred./part. passivos, confirmando a hipótese de que a escola influencia no fenômeno variável da concordância: o nível de escolaridade colegial favorece mais a forma de prestígio, chegando a apresentar peso relativo (P.R.) maior do que a somatória dos PRs dos dois outros níveis menores de escolarização.

3.2. Idade

TABELA 2:

Influência da variável idade na escolha da variante presença de marca de plural nos pred./part. passivos

FATOR	Apl/Total	%	P.R.
Idade			
25 - 49 anos	123/364	34	0,41
+ 50 anos	204/404	50	0,59

Os resultados da Tabela 2 trazem peso relativo de 0,41 atribuído à faixa etária de 25-49 anos e de 0,59 para os informantes mais velhos, confirmando a hipótese inicial de que a forma estigmatizada (não-marcação de plural) estaria mais presente na fala dos mais jovens. Obviamente, a divisão em faixas etárias como essa que apresentamos não é a melhor; possivelmente, recortes um pouco menores nos possibilitariam uma

análise mais apurada. Devemos acrescentar, ainda, que entre os informantes mais jovens (na faixa etária da adolescência a jovens adultos, por exemplo) a predominância da forma estigmatizada seria ainda maior (c.f. Vazzata-Dias e Fernandes, 1998).

3.3. Sexo

TABELA 3:

Influência da variável sexo na escolha da variante presença de marca de plural nos pred./part. passivos

FATOR	Apl/Total	%	P.R.
Sexo			
Feminino	194/417	47	0,57
Masculino	133/351	38	0,42

Observados os resultados da tabela, verifica-se que os falantes do sexo feminino tendem à marcação do plural mais do que os homens, o que vai ao encontro da hipótese delineada, segundo a qual as mulheres parecem utilizar mais frequentemente as formas socialmente prestigiadas.

3.4. Etnia

TABELA 4:

Influência da variável etnia na escolha da variante presença de marca de plural nos pred./part. passivos.

FATOR	Apl/Total	%	P.R.
Etnia			
Açoriana	89/247	36	0,44
Italiana	150/284	53	0,57
Eslava (Ucraniana)	88/237	37	0,48

Com relação à influência do fator social etnia, não se tinha uma expectativa prévia. Na análise dessa variável, verificamos que o grupo étnico *italiano* favorece a concordância mais do que os eslavos e os açorianos. Dado esse resultado, tentou-se compreender o que poderia estar por trás do mesmo, e uma resposta mais concreta para tal inclinação por parte dos descendentes de italianos ainda não foi efetivamente encontrada. Há uma suspeita, ainda que bastante remota, de que esse favorecimento talvez se deva ao fato de que, na língua italiana, a presença de marca de concordância de número é categórica.

A seguir, mostramos os resultados referentes aos cruzamentos de fatores sociais.

4. Sobre o cruzamento das variáveis sociais

Conforme vimos na seção 2, é do cruzamento de variáveis sociais que se pode depreender conclusões mais interessantes a respeito de sua influência sobre fenômenos lingüísticos variáveis, quer com respeito aos que se caracterizam como variação estável, quer com respeito aos que passam por processo de mudança.

Por exemplo, do cruzamento das variáveis como sexo e idade ou sexo e classe social, sugere-se que mulheres mais velhas sejam mais sensíveis a variantes padrão do que mulheres de faixas etárias mais jovens; da mesma forma, também é sugerido (lembramos do que Haeri, 1995, nos coloca) que mulheres de classe média e média-alta (incluindo aqui os homens dessas mesmas classes sociais) tendem a usar a forma de prestígio mais do que mulheres de classe social média-baixa e baixa. Isso vem demonstrar que a base de nossas análises não pode ser tão somente aquela pautada por resultados obtidos desse ou daquele fator social visto isoladamente. Ao contrário, é a investigação mais complexa, que correlaciona variáveis sociais (afinal, somos todos frutos dessa rede de fatores sociais que se fundem), que nos traz resultados para discussões mais relevantes.

Neste artigo, apresentamos somente as análises dos cruzamentos feitos a partir das variáveis sociais tradicionalmente

investigadas em estudos variacionistas, e sobre as quais temos hipóteses mais efetivas: escolaridade, idade e sexo.

TABELA 5:
Cruzamento entre escolaridade e idade.

IDADE/ESCOLARIDADE	Primário	Ginásial	Colegial
25 - 19 anos	F.23/107= 21% P.R. 0,27	F. 37/121= 31% P.R. 0,38	F. 63/136=46% P.R. 0,54
+ de 50 anos	F. 22/110= 20% P.R. 0,26	F. 53/132= 40% P.R. 0,46	F.129/162=80% P.R. 0,84

Sob um olhar bastante pontual, vemos que o grupo que mais favorece a concordância é o de faixa etária de mais de 50 anos com escolaridade colegial. Até aí, nada que não corresponda às expectativas.

Mas, se dermos uma olhada mais panorâmica, veremos que, independente de faixa etária, os informantes com menor tempo de escolarização (primário) concordam menos, e que os informantes mais jovens com nível maior de escolaridade tendem a manter mais a marca de plural do que os informantes mais velhos, proporcionalmente menos escolarizados.

Disso se pode concluir que a influência da escolarização supera, não bastando dessa forma, considerarmos que os indivíduos mais velhos privilegiam a forma padrão, mas, sobretudo, os mais escolarizados. Isso parece trazer evidências mais contundentes de que esse tipo de concordância sofre estigmatização e que a escola tem assumido a postura de "censurá-lo".

TABELA 6:
Cruzamento entre escolaridade e sexo.

SEXO/ESCOLARIDADE	Primário	Ginásial	Colegial
Feminino	F. 38/123= 31% P.R. 0,42	F. 55/144= 38% P.R. 0,48	F. 101/150= 67% P.R. 0,76
Masculino	F. 7/94= 7% P.R. 0,10	F. 35/109= 32% P.R. 0,41	F. 91/148= 61% P.R. 0,70

Conforme a tabela, o grupo das mulheres com maior grau de escolaridade é o que privilegia mais o uso da marca formal de plural nos pred./part. passivos. É fato, também, que a diferença entre homens e mulheres com relação a esse uso vai diminuindo consideravelmente à medida que os anos de escolarização aumentam; já o grupo das mulheres com nível de escolaridade primário favorece muito mais a marcação de plural do que o grupo dos homens com esse mesmo grau de escolarização: parece que temos aí um indício de que o fator sexo esteja se revelando predominante em relação ao fator escolaridade.

Não se pode deixar de observar, ainda, que o grupo dos homens com escolaridade colegial favorece mais fortemente o uso da forma de prestígio do que as mulheres com escolaridade ginásial, por exemplo. Em outras palavras, parece que temos, a exemplo do cruzamento anterior (escolaridade e idade), mais um indício de que o fator escolaridade exerce uma influência considerável.

TABELA 7:
Cruzamento entre sexo e idade.

IDADE/SEXO	Feminino	Masculino
25 a 49 anos	F. 69/203= 34% P.R. 0,43	F. 54/161=34% P.R. 0,38
+ de 50 anos	F.125/214= 58% P.R. 0,68	F.79/190= 42% P.R. 0,46

Falantes do grupo feminino, nesse caso, parecem sofrer mais o peso do fator idade do que os do grupo masculino: enquanto a diferença entre as mulheres de mais de 50 anos em relação às da faixa etária 25-49 anos é de .25, a diferença entre os homens mais velhos e os mais jovens cai para apenas .08.

Previa-se uma maior preservação da marca de plural por parte das mulheres mais velhas e um menor uso da mesma pelos homens mais jovens e isso se confirmou. Entretanto, não se pode deixar de mencionar que entre os mais jovens, o fator sexo influencia bem menos do que entre os mais velhos, quer dizer, enquanto a diferença do peso relativo de marca plural

entre os homens e mulheres de idade entre 25-49 anos é apenas .05, essa mesma diferença para a outra faixa etária sobe para .22.

Em suma, mais uma vez, o fator sexo mostra-se como condição necessária, porém não suficiente para se ter um quadro mais fidedigno do comportamento do fenômeno de concordância nos pred./part. passivos na fala.

5. Considerações finais

Neste artigo, evidenciamos a influência de fatores como idade, sexo, escolaridade e etnia sobre a concordância de número nos predicativos/participios passivos, em dados de fala do sul do Brasil.

Verificamos que, dos quatro fatores extralingüísticos considerados, a escolaridade parece ser o que desempenha um condicionamento mais central sobre esse fenômeno variável. Vimos que quanto mais tempo o informante frequentou a escola, mais uso ele faz da marca formal de plural (conforme já era previsto).

Além disso, evidenciamos (também segundo as nossas expectativas) que as mulheres realizam mais a marca de concordância do que os homens, e que os informantes mais velhos tendem a usar mais a marcação de plural do que os mais jovens. Controlando a variável *grupo étnico* (tradicionalmente não utilizada nos estudos variacionistas), chegamos a um resultado para o qual não tínhamos ainda qualquer expectativa: os italianos mostraram-se como os retentores da marca de plural nos contextos dos predicativos/participios passivos, mais do que os eslavos-ucranianos e açorianos.

Tentando fazer uma generalização, é possível prever, então, que o protótipo do falante que realiza mais a marca de plural nos predicativos/participios passivos é do sexo feminino, com segundo grau, com mais de 50 anos e pertencente ao grupo étnico italiano.

Contudo, foi a partir do entrelaçamento dos fatores sociais que pudemos levantar discussões mais relevantes.

Assim, no fenômeno investigado, não são apenas os informantes do sexo feminino ou mais velhos que marcam mais a

forma plural, pois, conforme vimos, homens e jovens podem concordar mais do que aqueles (informantes do sexo feminino e informantes mais velhos), se forem mais escolarizados, o que nos leva a concluir que a escola parece exercer influência predominante sobre esse tipo de variação lingüística.

Já quando cruzamos os fatores sexo e idade, verificamos que é somente entre os mais velhos que se aplica a hipótese de que as mulheres se aproximam mais da norma padrão. Quando se trata da faixa etária mais jovem, percebemos uma redução drástica da influência do fator sexo. Isso nos autoriza a falar que parece que não é o fato em si de ser do sexo feminino que faz com que o indivíduo seja mais obediente às normas lingüísticas (ainda bem!), mas é também o condicionamento de outros fatores como escolaridade, idade (quem sabe até classe social) que está se pronunciando.

Referências Bibliográficas

- BRAGA, M. L. (1977) *A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro*. Rio de Janeiro, PUC (Dissertação de Mestrado).
- CARVALHO NINA, T. de J. (1980) *Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região de Bragantina*. Rio Grande do Sul, PUC (Dissertação de Mestrado).
- COAN, M. (1997) *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais – que) perfeito*. Florianópolis, UFSC (Dissertação de mestrado).
- FERNANDES, M. (1996) *Concordância nominal na região sul*. Florianópolis, UFSC (Dissertação de Mestrado).
- FISCHER, J. L. (1958) *Social influences on the choice of a linguistic variant*. *Word*. 14: 47-56.
- HAERI, N. (1995) " 'Why do women do this?' Sex and gender differences in speech". In: GUY, G. R. et al. (Eds). *Current issues in linguistic theory*, 127, vol 1: Variation and Change in Language and Society. Philadelphia: John Benjamins.
- LABOV, W. (1975a) *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- _____. (1975b) *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- _____. (1994) *Principles of linguistic change – internal factors*. Cambridge Blackwell.
- LOREGIAN, L. (1996) *Concordância verbal com o pronome TU na fala do sul do Brasil*. Florianópolis, UFSC (Dissertação de Mestrado).
- NARO, A. J. (1981) "The social and structural dimensions of a syntactic change". In: *Language*, LSA, vol. 57, nº 1, pp. 63-98.
- PAIVA, M. da C. (1992) "Sexo". In: MOLLICA, M. C. (Org). *Introdução à sociolingüística variacionista*. Cadernos didáticos da UFRJ. Rio de Janeiro, UFRJ.
- PINTZUK, S. (1988) *VARBRUL Programs* (mimeo).
- PONTE, V. M. L. (1979) *A concordância nominal de uma comunidade de Porto Alegre*. Rio Grande do Sul, PUC (Dissertação de Mestrado).
- ROUSSEAU, P. & SANKOFF, D. (1978) "Advances in variable rule methodology". In: SANKOFF, D. (ed.) *Linguistic variation: models and methods*. New York: Academic Press, pp. 57-68.
- SANKOFF, D. (1988) "Variable Rules". In: AMMON, V.; DITTMAR, N.; MATHEIR, K. (eds.) *Sociolinguistics*. New York, Academic Press, pp. 119-26.
- SARAIVA, M. E. F. & BITTENCOURT, V. de O. (1987) *A concordância verbal em estruturas com SN complexo em português: um caso de interferência de fatores metonímicos e metafóricos*. Belo Horizonte, UFMG (mimeo).
- SCHERRE, M. M. P. (1978) *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Rio de Janeiro, PUC (Dissertação de Mestrado).
- _____. (1988) *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro, UFRJ (Tese Doutorado em Letras).

- _____. (1991) "A concordância de número nos predicativos e nos participípios passivos". In: *Organon*. n° 18, pp. 52-70.
- _____ & NARO A. J. (1991) "Marking in discourse: Birds of a feather". In: *Language Variation and Change*, vol. 03, pp. 23-32.
- _____. (1998) "Restrições Sintáticas e Semânticas no Controle da Concordância Verbal em Português". In: *Fórum Lingüístico*, vol. 1 – Pós-Graduação em Lingüística, UFSC, pp. 45-71.
- TAVARES, M. A. (1999) *Um estudo varicionista de aí, daí, então e e como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Florianópolis, UFSC (Dissertação de Mestrado).
- VAZZATA-DIAS, J. F. (1996) *A concordância de número nos predicativos e nos participípios passivos na fala da região sul: um estudo varicionista*. Florianópolis, UFSC (Dissertação de Mestrado).
- _____ & FERNANDES, M. (1998) *A inter-relação da concordância nominal e a concordância nos predicativos/participípios passivos, sob o enfoque da teoria da variação e mudança lingüística* (a aparecer na revista ORGANON).
- VOTRE, S. (1992) "Escolaridade". In: MOLLICA, M. C. (Org.) *Introdução à sociolingüística variacionista*. Cadernos Didáticos da UFRJ. Rio de Janeiro, UFRJ.
- WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. (1968) "Empirical foundations for a theory of language change". In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Y. (eds). *Directions for historical linguistics*. Austin : University of Texas Press.
- WOLFRAN, W. (1969) *A sociolinguistic description of Detroit negro speech*. Washington, D. C., Center of Applied Linguistic.